

Nesta edição

- Atletas da UNIP ganham ouro, prata e bronze nos Jogos Pan-americanos
- Triatleta norte-americano marca presença na UNIP
- UNIP é tricampeã nas JUBs 2007
- Contardo Calligaris fala sobre normalidade
- Aluna de Psicologia da UNIP fica em primeiro lugar no Enade

Além de trabalhar e cuidar dos seus três filhos, Rosemery Felipe estudava Psicologia à noite. Como no quadro de TV, ela "se virava nos trinta", para dar conta de tantos afazeres.

Ao final do curso, Rosemery prestou o Exame Nacional de Desempenho (Enade) e teve uma inesperada surpresa: foi a primeira colocada entre todos os estudantes de Psicologia do País.

"Achei que fui bem no exame, mas nunca imaginei que ficaria em primeiro lugar. Foi muito significativo para mim e será importante para a minha carreira", comemora.

O reitor da UNIP, João Carlos Di Genio, acompanhou Rosemery a Brasília, quando ela recebeu homenagem do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e um certificado ratificando seu resultado.

"Além disso, recebi um convite do governo federal para fazer um curso de doutorado ou mestrado, e da universidade ganhei um curso de inglês."

Para o diretor regional da UNIP, Edson Monteiro, o trabalho feito na Universidade é sempre voltado para intensificar a qualidade do ensino. "Buscamos sempre oferecer o melhor para os nossos alunos e o resultado disso é o êxito da nossa aluna no Enade."

O coordenador do curso de Psicologia, Armando Farias, destaca que esse resultado mostra que a equipe está integrada para oferecer o melhor. "Todo resultado positivo vem de uma ação que busca integrar nossos alunos no mercado de trabalho."

Texto: *Jornal da Orla*, dia 23/08/2007

Catedráticos proferem conferência sobre mudanças climáticas

“Um quadro grave e preocupante instala-se sobre o futuro do planeta.” Essa é a conclusão a que chegaram centenas de cientistas e especialistas ambientais da ONU, em encontro realizado em Paris.

Pelo relatório apresentado não dá para ser otimista. Se nada for feito, até 2100 a temperatura da Terra poderá aumentar em 4°C, ocasionando catástrofes ambientais de grandes proporções.

Inácio Malmonge Martins, físico, professor e pesquisador, e Takeshi Imai, engenheiro mecânico e pesquisador, ambos do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), meses antes do Encontro realizado na França, proporcionaram aos alunos do *campus* Indianópolis uma aula magna sobre a destruição da camada de ozônio, o efeito estufa e o mal uso da água, problemas que engrossam os paradigmas de destruições impostos pelo homem ao planeta.

O evento recebeu o nome de Seminário Nacional de Mudanças Climáticas e foi mediado por Carlos Cunha, diretor-presidente da Organização Não-Governamental Companhia Ecológica. Na ocasião, o ambientalista lançou a campanha de reposição vegetal *O Brasil + Verde que Amarelo*, que consiste no plantio na cidade de São Paulo de 500 árvores nativas já com dois metros de altura.

Inácio Malmonge Martins explicou inicialmente que a menor concentração do ozônio (O₃) no planeta (10%) fica na troposfera – camada atmosférica que vai da superfície da Terra à estratosfera, que abriga 90% desse gás. Nela, o O₃ é formado a partir de moléculas de



oxigênio (O₂) que recebem a radiação ultravioleta do sol, dividindo-as em dois átomos, os quais se combinam ao oxigênio molecular, e formando o ozônio. Entretanto, ao mesmo tempo que a energia solar é responsável pela criação do ozônio, seus raios também podem destruí-lo, pondo em risco a famosa camada que protege a Terra e seus habitantes dos raios ultravioleta (UVB). Soma-se a isso o efeito estufa, que, por causa das toneladas de agentes poluentes, impede a dissipação do calor do sol no espaço.

De acordo com Inácio Martins, o planeta Terra já teve, há cerca de 400 milhões de anos, um superávit de ozônio, mas o desenvolvimento tecnológico e industrial levou à emissão do gás clorofluorcarbono (CFC) na atmosfera (agente que destrói as moléculas de O₃), arriscando o equilíbrio da produção de ozônio. Isso acontece porque, ao liberar esse gás, a radiação ultravioleta desencadeia a formação de átomos de cloro, os quais decompõem o oxigênio do ozônio.

Martins contou que, até 1980, o ozônio era produzido e destruído pelo sol em razão proporcional, mas, de 1980 a 1993, esse escudo de proteção vindo do ozônio foi ficando desbalanceado, agravando-se com a erupção de vulcões, fenômenos da natureza que liberam toneladas de gases tóxicos.

Água para a cobertura vegetal e um pedido de desculpas à natureza

“Em 1970 eu era um fabricante de pulverizadores e, para piorar, mais à frente comecei a fabricar motosserras para cortar árvores. Um dia eu testei uma delas em um jacarandá, que tinha 250 anos; ele tombou e eu fiquei tão chocado que mudei de ramo e nunca mais cortei uma árvore”, conta, emocionado, o engenheiro Takeshi Imai.

Para redimir-se, Imai elaborou um projeto que visa reduzir os efeitos das mudanças climáticas. Em 1983 passou a produzir chuvas artificiais em regiões de baixa pluviosidade, bombardeando nuvens com a ajuda de aeronaves.

O que era uma intenção de contribuir com a natureza tornou-se realidade concreta em terras secas.

Para isso, o pesquisador escolhe as nuvens que vai bombardear com água potável, sem qualquer produto químico. A chuva começa a cair após 15 minutos do bombeamento e pode chegar até a três horas de duração, irrigando terras antes rachadas pela seca. A técnica de produção de chuvas artificiais já deu certo em muitas regiões, razão pela qual Takeshi Imai recebeu a medalha de ouro no Simpósio Anual da Água (2005), em Cannes, na França. ■

Trote ecológico

Os *campi* Alphaville, Anchieta, Cidade Universitária, Chácara Santo Antônio, Norte, Marquês, Paraíso, Vergueiro e Tatuapé receberam os calouros com uma comemoração ambientalmente responsável: o *Trote Eco Legal no Combate ao Aquecimento Global*. O projeto reúne ações de recuperação da cobertura vegetal brasileira por meio da implantação de um programa chamado *O Brasil + Verde que Amarelo*, idealizado pela Organização Não-Governamental Cia Ecológica.

O trote ecológico é constituído de uma palestra sobre o tema *Terra: Planeta Água, até Quando?* e do plantio, em garrafas *pet*, de sementes de árvores nativas, que, depois de amadurecidas, serão replantadas na cidade de São Paulo.

Segundo Carlos Cunha, o programa é um catalisador de agentes multiplicadores, os quais serão os próprios alunos da UNIP que, a partir de uma seleção, receberão um treinamento da Cia Eco para disseminarem o projeto. ■

Obesidade é tema de palestra na UNIP

Se estivessem vivos hoje, Leonardo da Vinci, com sua *Mona Lisa*, e Ticiano, com sua *Vênus*, franziriam a testa ao se depararem com a mudança dos padrões de beleza e com as descobertas da Ciência sobre o acúmulo de gordura no corpo. Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), obesidade é patologia que, com suas decorrências como infartos, derrames, hipertensão, diabetes e câncer, pode levar à morte.

Foi para alertar sobre essa constatação que Durval Damiani, professor livre-docente, chefe da Unidade de Endocrinologia Pediátrica do Instituto da Criança do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, conferenciou no Teatro UNIP Paraíso a alunos dos cursos do Instituto de Ciências da Saúde (ICS-UNIP).

Sob o tema *Uma Pandemia Chamada Obesidade*, inicialmente advertiu que esse mal vem crescendo desmesuradamente no mundo. Nos Estados Unidos, por exemplo, de 1985 a 2003, a proporção de obesos saltou de menos de 10% para 30%. Na Europa, segue-se a tendência e, no Brasil, um terço da população está obesa.

Para definir se uma pessoa é obesa ou não divide-se o peso pela altura elevada ao quadrado. O resultado é o tão falado Índice de Massa Corpórea, o IMC, cujos valores variam, ainda, de acordo com a idade. Um adulto será considerado obeso se tiver um IMC equivalente ou superior a 30. Para exemplificar o quanto é possível superar esses já críticos 30 pontos,

Durval Damiani contou que recorreu à cirurgia bariátrica (que encurta o intestino para 3 metros e secciona o estômago) em uma paciente de apenas 15 anos, porque ela pesava 208 quilos, o que corresponde a um IMC igual a 80, quase três vezes maior que o índice de um adulto obeso. A adolescente perdeu 120 quilos e hoje enfrenta a reconstrução plástica.

Há dois tipos básicos de obesidade: a generalizada e a andróide, que se localiza principalmente na região abdominal, atingindo as vísceras e, por isso, diretamente responsável pelas graves complicações que um obeso apresenta.

Em tese, as origens da obesidade remetem ao consumo maior que o gasto calórico, todavia a genética, a dieta alimentar, questões socioculturais, distúrbios e o metabolismo mais rápido ou mais lento de cada pessoa também são fatores consideráveis para o peso, que, segundo Damiani, tem aumentado em todas as classes sociais. “Nos períodos de 1975 a 1989, no grupo dos 30% mais pobres, os homens praticamente quadruplicaram seu peso, enquanto as mulheres duplicaram-no. É mais barato comprar um pacote de biscoito ou um quilo de carne? Os alimentos protéicos são muito mais caros do que os carboidratos, e são esses que vão fazer engordar”, explica.

De acordo com o médico, a necessidade do ser humano de estar sempre alimentado vem dos tempos do homem primitivo, que, se não lutasse por comida, corria o risco de inanição. Esse homem, que tinha uma rotina

de vida completamente diferente da apresentada pela modernidade, saía à caça pela manhã e gastava energia logo no primeiro período do dia. Quando ele encontrava sua presa, ingeria-a crua, acompanhada de raízes e frutas. Nesse ambiente se desenvolveu o sistema digestivo humano, cujo intestino tem de 3 a 8 metros de comprimento e, portanto, foi concebido para grandes digestões. “No sistema digestivo há vários sinalizadores.

Quando a pessoa já comeu o suficiente, começam a chegar nutrientes ao íleo (porção terminal do intestino delgado), que é um sinal de que a pessoa já comeu muito. A partir daí, o estômago fecha sua saída e ocorre um aumento do fundo gástrico, que serve para reserva de alimento. Por último, um estímulo é enviado para que o pâncreas fabrique insulina, e um outro, que vai para o sistema nervoso, diz ao organismo para parar de comer.”

Entretanto, muitas vezes, come-se sem ter fome e essa é uma particularidade do obeso, que, de acordo com o especialista, come porque é hora de comer ou porque a comida está com um aspecto bom. “De uma certa forma, isso desvirtua a relação entre fome e saciedade. É um problema complicado.”

Particularmente nos casos de obesidade infantil, Damiani salientou que sem a conscientização

e o apoio familiar não é possível resolver ou minimizar o problema que, freqüentemente, nem sequer é notado. “É preciso uma modificação de conduta e de estilo de vida, pois perder peso não é simplesmente trocar rótulos de alimento. Muitas pessoas dizem, por exemplo, que trocaram o requeijão normal pelo *light* ou que passaram a tomar refrigerante *diet*. Eu digo a elas: Você não mudou nada! É preciso que fique entendido que obesidade é uma situação extremamente grave e que, portanto, o indivíduo tem de, entre outros, modificar sua alimentação e incluir práticas de atividade física em sua rotina. Não se pode viver para comer; come-se para viver”, conclui. ■



Doutor Durval Damiani

Executivos da Microsoft Corporation proferem palestra sobre TV digital



Apresentar um panorama do processo de implantação da TV digital no Brasil foi o objetivo da palestra proferida por Alisson Sol e Paulo Sérgio Pinto, executivos da Microsoft Corporation, de Washington (EUA), no *campus* Cidade Universitária / Marginal Pinheiros.

Sob a coordenação de Marcelo Souza, diretor de Tecnologia da UNIP, e Arthur Battaglia, coordenador-

geral do curso de Ciência da Computação, estiveram presentes alunos e professores dos cursos de Sistemas de Informação, Ciência da Computação e Comunicação Digital. Além disso, por meio da TV *Web* UNIP, estudantes de outros *campi* da Universidade Paulista e internautas em geral também puderam assistir à apresentação.

Alisson Sol e Paulo Sérgio Pinto são dois *experts* em tecnologia digital. Na palestra, abordaram inicialmente o desenvolvimento de conteúdo da Microsoft TV – plataforma que nunca havia sido apresentada em universidades fora dos Estados Unidos – para, em seguida, informarem que há disparidades de índices de penetração entre a televisão e a internet. Só para

ter uma idéia, nos Estados Unidos, o alcance da televisão é de 98% contra 39% da internet caseira; no Brasil, essa diferença aumenta ainda mais: a TV atinge cerca de 89% da população, enquanto a internet apenas 9%, refletindo uma realidade que leva ao desenvolvimento de produtos como a TV digital.

No Brasil, sem abrir mão do sistema analógico, o desenvolvimento do Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTV-D) iniciou-se em 2003, mas a primeira transmissão digital está prevista para acontecer em dezembro de 2007, apenas na região metropolitana de São Paulo. Em 2009, o sistema alcançará todas as capitais brasileiras; em 2013, os municípios. Em 2016, serão desativados todos os transmissores analógicos; entretanto, até lá, os usuários não precisarão comprar um aparelho televisor especial, pois a mudança de sinal poderá ser feita por meio de um conversor.

A televisão digital...

De acordo com os especialistas, a principal diferença entre a TV digital e a analógica é que a primeira dá condições de interação com o telespectador, apresenta maior definição de áudio e vídeo e facilita o acesso de camadas de menor renda da população a diversos tipos de serviços – uma vez que dispensa o uso de um microcomputador – como o comércio

de produtos pela TV. “A maior intenção da mudança para o sistema digital é possibilitar ao usuário que retire o máximo do potencial da sua TV. Será possível, por exemplo, que se tenha um aparelho de celular recebendo o sinal de televisão, onde quer que você esteja”, explica Paulo Sérgio Pinto.

Outra vantagem será a proteção e a segurança que trará aos telespectadores, pois o acesso a determinados programas será condicionado a uma senha, facilitando a monitoração pelos pais daquilo a que os filhos assistem.

No âmbito econômico, o sistema digital irá, por exemplo, abrir novas vagas no mercado de trabalho nacional: “Não importa se a geração de conteúdo ficará em São Paulo, no Rio de Janeiro ou em Belo Horizonte, pois o *software* que vai rodar em uma cidade como São Paulo provavelmente não vai servir para o Rio de Janeiro, e assim por diante. Todas essas cidades vão precisar do *software* e cada operadora terá uma equipe que desenvolverá uma plataforma e adaptará o conteúdo a sua região”, conta Alisson Sol.

Segundo dados do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), para o desenvolvimento da televisão digital brasileira, têm sido utilizados cerca de R\$ 60 milhões, que vêm do Fundo para o Desenvolvimento Tecnológico das Telecomunicações (Funttel), com gestão da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), órgão ligado ao MCT. ■

“Será possível, por exemplo, que se tenha um aparelho de celular recebendo o sinal de televisão, onde quer que você esteja”

Contardo Calligaris fala sobre normalidade

“De todos os diagnósticos, o de normalidade é o mais desesperador.”

Jacques Lacan

Raul Seixas jurava que era melhor não ser normal, porque assim ele se imaginava Deus. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra, o renomado psicanalista e ensaísta Contardo Calligaris, por um motivo diferente, simpatiza também com a ideia de que ser normal não é necessariamente atributo positivo. Para ele, o conceito de normalidade gera exclusão. E foi exatamente sobre esse assunto que conferenciou a um vasto público de estudantes no Teatro UNIP Paraíso.

Sob o tema *Que “Normalidade” Podemos Esperar para Nossos Pacientes e para Nós?*, Calligaris introduziu o assunto explicando que a Psicopatologia acredita que o sofrimento psíquico faz parte da constituição subjetiva de qualquer indivíduo, e não é esse sofrimento que diferencia o normal do anormal, levando a crer, assim, que somos todos um pouco patológicos. Essa tese, segundo o palestrante, vem de muito tempo atrás e é positiva na medida em que afasta a exclusão, afinal, se todos em certa medida são doentes, “não há uma ruptura radical entre os sãos e os grandes doentes”.

Michel Foucault e a normalidade...

Valendo-se de Michel Foucault, que lançou o livro *História da Loucura na Idade Clássica* (1961), para levar a sociedade a refletir sobre a importância de reintegrar alienados na vida cotidiana, Contardo Calligaris relatou que em meados do século XVII

verificou-se um grande processo de exclusão e reclusão de mendigos e loucos. Essa conduta era entendida como o grande instrumento de normalização social. Entenda-se normal como aquele que segue a norma.

Ainda com base em Foucault, o ensaísta mostrou que existem dois modelos diferentes de normalização: o modelo da lepra e o da peste. Na lepra, o caminho é a exclusão, enquanto a peste baseia-se no controle. “A relação das cidades européias com a lepra era o protótipo da exclusão. Quem contraía essa doença morria, primeiro, socialmente; o leproso ficava totalmente despojado de identidade jurídica e, como era considerado já morto, era expulso da cidade”, explica. Porém, no caso da peste, a cidade fechava-se e era dividida em quarteirões que tinham suas casas inspecionadas para averiguar se havia doentes. “O modelo da peste era de inclusão, era uma normalização positiva, a qual tinha como objetivo detectar o foco da doença. Esse é o modelo dominante a partir do começo do século XIX e que perdura até hoje.”

Para compreender essa tese de que não haveria diferenciação radical entre o louco e o são, antes é necessário voltar as atenções para o século XIX, momento em que houve maior mobilidade social e geográfica e influência da medicina em detrimento da religiosidade no controle da vida dos indivíduos. A ciência utilizou-se do

Higienismo (movimento que controla a saúde e a qualidade de vida) e também da Psicologia Clínica e da Psiquiatria. Na Psiquiatria, especialmente, Philippe Pinel, tido para muitos como o pai dessa ciência, surpreende a sociedade da época na tentativa de reintegrar os grandes doentes. Pinel, em um sanatório que administrava, retirou as correntes dos internos e os manteve soltos nas instalações, enfatizando mais uma vez a necessidade da reintegração, da humanização e da convicção de que não são brutais as diferenças entre o são e o louco.

De todo o exposto e de outras explanações minuciosas, inclusive sobre a relação da modernidade e

“não há uma ruptura radical entre os sãos e os grandes doentes”

até do discurso marxista em relação à normalidade, Calligaris finalizou afirmando que todos podem ser corrigidos, terapeutizados e educados. A Psicologia, sem dúvida, tem grande papel nisso. ■



Psicanalista Contardo Calligaris

Drauzio Varella, Renato Janine e Newton Lima abordam a questão da violência, na UNIP

A Violência que Nos Confronta, tema de palestras proferidas pelo médico Drauzio Varella, pelo filósofo Renato Janine e pelo prefeito de São Carlos (SP), Newton Lima, no Teatro UNIP Paraíso, coincidiu com o momento de atenção propiciado pela apresentação do Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros.

Divulgado em fevereiro deste ano, no Mapa, Julio Jacobo Waiselfisz, sociólogo responsável pelo estudo, diz que, do total de 5.560 municípios avaliados, 556 concentram as maiores taxas de homicídio e, embora representem apenas 10%, englobam 71,8% do total ocorrido no País em 2004.

Não apenas para falar desses números, mas também de suas concepções e impressões sobre a temática, na UNIP, os catedráticos mostraram o lado da violência que estudam ou que vivenciam. Renato Janine, professor de Ética e Filosofia Política da USP, manifestou seu

estarcimento diante de alguns dos muitos episódios de violência no Brasil, especialmente em relação ao caso do garoto João Hélio que, preso a um cinto de segurança, foi morto após ser arrastado por 7 km de vias públicas do Rio de Janeiro. Não deixou de condoer-se também com a morte de Vinícius (5), um garoto que veio a falecer após sofrer queimaduras em 90% do corpo em um assalto, em Bragança Paulista (SP); também lamentou veementemente o assassinato dos três franceses, colaboradores da ONG Terr'Ativa, no Rio de Janeiro; e, ainda, relembrou o seqüestro e a morte do garoto Ives Ota (8), há 10 anos tirado de dentro de sua própria casa, ceifado de sua vida um dia depois com dois tiros no rosto. Houve ainda o assassinato da missionária norte-americana Dorothy Stang, no sul do Pará, em 2005. São muitas as tragédias, vários os lugares – o leitor pode puxar pela memória qual lhe choca mais.

Até pela indignação que observa crescer na coletividade, Janine sabe disso e aproveitou a ocasião para registrar as conclusões do cientista social José de Souza Martins, especialista na análise dos linchamentos, isto é, na justiça feita com as próprias mãos que aparece quando o Estado se esconde. “Eu senti um profundo escárnio por parte da Justiça em relação à sociedade quando eu

soube que um dos acusados da morte de João Hélio ficaria detido por apenas quatro meses. Foi inevitável pensar: Quanto vale uma vida humana?”

Para o filósofo, há um descompasso entre as instituições e a sociedade indignada, que se sente incapaz de canalizar esse sentimento de maneira construtiva. Porém, enquanto existem os indignados, há também os indiferentes à dor alheia e, segundo o professor, muitos desses estão mais preocupados em afirmar algum princípio do que em criar teorias capazes de se engendrar uma ação. Para ele, por exemplo, a inclusão social não é solução mágica para o problema da violência. “É algo muito difícil de fazer, pois implica uma política de pleno emprego, o que contraria todas as políticas econômicas que vêm sendo praticadas nas últimas décadas.”

Em um artigo publicado no jornal *Folha de S.Paulo* sobre o assassinato de João Hélio, Renato Janine desabafa: “Sei que a falta de perspectiva é o que mais leva pessoas a agirem como infanticidas. Sei que devemos reformar a sociedade para que todos possam ter um futuro. Creio que isso reduzirá a violência. Mas também sei que (...) a pobreza não é causa da falta de humanidade. Quer isso dizer que defenderei a pena de morte, a prisão perpétua, a redução da maioria penal? Não sei. Não consigo, do horror que sinto, deduzir políticas públicas, embora isso fosse desejável”.

“O caos não resiste muito tempo nas relações humanas”, diz Varella

Certa vez, Drauzio Varella, médico responsável pelo tratamento dos presos na antiga Casa de Detenção de São Paulo, afirmou que a violência é doença contagiosa, que cresce na medida em que aumenta a desigualdade. Para ele, a impunidade, o comportamento intempestivo e, principalmente, a infância desassistida, a adolescência sem disciplina e a convivência com pares violentos são grandes determinantes para a violência e contra ela é essencial o investimento em educação, cultura, esporte, saúde, criação de emprego, renda, moradia, planejamento familiar.

De fato, uma discussão aprofundada remete-nos a um problema clássico e secular nos países subdesenvolvidos: a taxa de natalidade entre os jovens. No Brasil, de cada 100 crianças, 11 pertencem às classes A e B, correspondentes a 23% da população. Na classe E – definida pelo IBGE como a que tem renda *per capita* de R\$ 75/mês – estão 48%. E é justamente nessa fatia que o acesso ao planejamento familiar, apesar de existente, não se aplica na prática. Só para se ter uma idéia, de cada quatro partos feitos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), um é de uma jovem abaixo de 18 anos.

Para Varella, tal ordem de fatos cria uma imensa massa de desassistidos, que serão colocados diante dos citados fatores de riscos que levam à violência, e, uma vez no mundo da criminalidade, o acusado talvez seja punido com a



Multi

destaques

detenção em locais já superlotados. “A globalização beneficiou também os detentos que, com a precariedade das cadeias, formaram facções. Hoje 90% das cadeias de São Paulo estão nas mãos de uma mesma facção criminosa”, relata.

Mas, para o médico, muito piores do que o Carandiru são os atuais Centros de Detenção Provisória (CDPs). Segundo ele, na Casa de Detenção os presos desfrutavam de um tratamento humano superior ao adotado nos CDPs e isso vinha, dentre outros benefícios, da disposição do espaço dedicado aos presos. “Nos CDPs há um corredor central de onde emanam raios (saídas) para se chegar às celas. Poucos guardas fazem a vigília e, mesmo assim, com exceção da abertura e do fechamento das celas, permanecem fixos nesse corredor, fazendo que a cadeia fique sob o domínio dos presos.”

Ironicamente, a formação dessas facções diminuiu consideravelmente o número de mortes nas cadeias, porque para essas organizações interessa comandar o crime, e não perder seus membros. Outra particularidade apontada é que esses grupos dominam os bairros periféricos de São Paulo e muitas vezes

essa dominação vai ao encontro de interesses da própria comunidade local. Além disso, “na extrema periferia, não existe medo de assalto; lá, o risco é o do desentendimento entre as facções, e as pessoas rezam para que os grupos se harmonizem”.

Drauzio Varella não aposta na pena de morte como solução para o problema da violência; prefere acreditar que uma ampla mudança em todos os setores seja mais eficiente. Contudo, não se ilude quanto à evolução do crime organizado e diz que será um grande desafio a maneira pela qual a sociedade irá lidar com ele.

Newton Lima e a segurança pública em São Carlos (SP)

Tal qual demonstrou o Mapa da Violência nos Municípios Brasileiros, a questão da [i]segurança pública vem tomando dimensão cada vez maior em todas as cidades. Muito embora em proporções menores do que nos grandes centros, em São Carlos – município que dista 255 km da capital, tem 213 mil habitantes, é pólo científico e tecnológico – não é diferente.

Newton Lima, ex-reitor da UFSCar, atual membro titular do Conselho

Nacional da Juventude e prefeito de São Carlos, contou que nos primeiros meses de sua gestão, iniciada em 2001, foi elaborado um Plano Municipal Integrado de Segurança Pública, que, além de preocupar-se com o aporte de recursos, catalisou variados segmentos da sociedade. Assim foi feito e, o melhor de tudo, com êxito! Em 2005, o Plano conquistou o Prêmio Gestão Pública e Cidadania, concedido pelas fundações Getulio Vargas

e Ford e pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Para atingir esse resultado, no Plano de Segurança de São Carlos constam a criação da Secretaria Municipal da Infância e da Juventude e o Orçamento da Criança e do Adolescente (OCA), que direciona uma parte da verba da cidade para ações de inclusão social; massificação dos programas de complementação de rendas e efetivação do Núcleo de Atendimento Integrado ao jovem autor de ato infracional (NAI), entre outros.

O NAI, especialmente, é amparado no art. 88 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Sua já conquistada notoriedade veio ganhar mais força a partir do crime cometido contra o garoto João Hélio, que fez ressurgir a discussão sobre a redução da maioridade penal (diga-se de passagem, Newton Lima é contra). Três motivos justificam sua oposição: o primeiro é a visão de que os adolescentes em conflito com a lei não podem ser tratados como bandidos; o segundo é que a redução poderia levar os jovens mais cedo para a criminalidade, isto é, se a idade penal caísse para 16 anos, por exemplo, o crime organizado passaria a mirar nas crianças de 15, e assim por diante; e o terceiro ponto diz respeito à execução do ECA no Brasil, que, de acordo com o palestrante, ainda não se deu de forma plena no País.

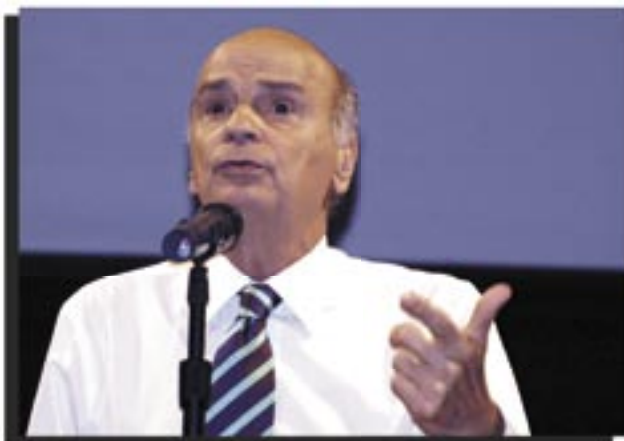
Por esses e por outros motivos nasceu há quatro anos o NAI: segundo especialistas, uma bem-sucedida estratégia de contenção da violência. O jovem infrator é julgado rapidamente, e isso acontece porque em um único local



reúnem-se representantes do Judiciário, do Ministério Público, da Defensoria, da Segurança Pública, da Assistência Social, da Fundação Casa (antiga Febem), que emitem e levam adiante a sentença, somada a ações socioeducativas, com o apoio das secretarias da Educação, da Cultura, da Saúde e dos Esportes, além da comunidade e de uma organização salesiana.

De acordo com Newton Lima, todo o trabalho realizado pelo NAI está direcionado para o adolescente, e não simplesmente para a infração. Após os procedimentos policiais, o jovem e sua família são atendidos por uma assistente social e, em seguida, é marcada uma audiência com o promotor e o juiz da Vara da Infância. Só é decretada a prisão em último caso; têm prioridade as penas alternativas sob a forma de liberdade assistida, semiliberdade e prestação de serviços comunitários.

Dados relativos a 2005 indicam que a taxa de reincidência criminal dos adolescentes atendidos pelo NAI era de 2,7%, enquanto a média estadual geral era de 33%; o número de roubos caiu 70% e o de homicídios, 86%. ■





A Filosofia do Direito

aquilo que lhe é devido, segundo uma relação de igualdade. A idéia é vaga e de caráter abstrato, uma vez que pode adaptar-se a situações díspares, conforme o momento histórico em que se vive. Claro. Em uma sociedade feudalista, por exemplo, ser justo talvez implicasse ao senhor ter certos poderes em relação ao servo, que hoje seriam inaceitáveis. “A idéia de Justiça paira acima das sociedades e dos tempos? Ou cada sociedade tem um conceito de Justiça diferente?”, indaga Cardozo.

Na Filosofia do Direito, há diferentes correntes de pensamentos, duas delas são o Jusnaturalismo e o

Positivismo. A primeira defende

a existência de um direito natural, que traria automaticamente para os homens a aplicação da Justiça. O Direito Natural não é escrito, não é criado pela sociedade, nem é formulado pelo Estado; ele vem da natureza, da racionalidade humana (que deduz as próprias regras que devem governá-lo e pauta sua conduta de acordo com elas) ou da vontade de Deus. De fato, seguindo esse último conceito, o rei francês Luís XIV, acreditando-se entronado pela vontade divina, dizia, à sua época, “L’État c’est moi” ou “O Estado sou eu”.

Em oposição aos jusnaturalistas estão os positivistas, que acreditam no Direito produzido pela sociedade, que cria as leis, os decretos, a Constituição. Para o Positivismo, que tem em Hans Kelsen um dos pensadores mais conhecidos, o Direito Natural varia em cada sociedade, já que a escravidão, por exemplo, parecia ser justa a uma e injusta a outra. Kelsen dizia: “Matar é injusto? Há sociedades que matavam como ato de justiça. Na antiga Esparta, aqueles que nasciam com deficiência eram mortos. Mas aquilo que era visto

como justo, hoje é tido como injusto e criminoso”.

Mais que isso, para mostrar sua oposição ao Jusnaturalismo, Kelsen dizia que há uma nítida diferença entre as regras da Natureza e as do Direito. Na primeira, não há a possibilidade de elas serem descumpridas: “Pela Lei da Gravidade, se eu joga uma pedra para cima, ela cairá. Ao contrário, as regras do Direito pressupõem a possibilidade de serem descumpridas, pois a regra jurídica sempre traz a afirmação de uma conduta, que é devida e obrigatória e que, se descumprida, implica uma sanção”, afirmava Kelsen.

Para contrabalançar essas duas vertentes de pensamento, José Eduardo Cardozo provoca os conceitos jusnaturalistas e positivistas afirmando que, para ele, Justiça é um conceito ideológico, levantado a partir das relações de poder dominantes em um determinado período histórico, que serve para legitimar o direito dos homens, o Direito Positivo. “Quando alguém ataca algo importante de uma sociedade, fala-se: ‘É Direito Natural, não mexa nisso’. Se as regras que ele determina não podem ser alteradas, contente-se com elas, porque elas não são feitas pelos homens.”

Em um sentido mais generalista e sem absolutamente qualquer juízo de valor, Cardozo diz que toda norma, independentemente de sua crença, tem atrás de si o poder. “Não há Direito sem poder. Se eu digo que tal conduta é devida, é porque eu tenho poder para tal. Porém, perceber isso é muito desagradável; é preferível que as pessoas não percebam e, assim, o Direito utiliza uma série de mecanismos para encobrir o poder que está por trás dele, pois dessa maneira cumpre-se com maior facilidade a regra.” Um desses mecanismos é a teatralização da aplicação do fenômeno

jurídico, que “consiste em rituais que tentam associar a aplicação do Direito a uma dimensão religiosa, sem que as pessoas percebam. São palavras difíceis, gestos, togas, becas. Quanto mais incompreensível for a linguagem jurídica, mais fácil será a dominação de um povo”, revela.

Certa vez, como advogado, José Eduardo Martins Cardozo foi a uma favela atender um caso de reintegração de posse. Lá chegando, viu que muitos moradores tinham a posse do terreno, viabilizada pelo usucapião, mas, estranhamente, o processo mostrava que nenhuma das famílias tinha contestado a ação. Conversando com as pessoas, Cardozo descobriu que muitos tinham um papel, que consideravam como escritura, mas que era, na verdade, um mandado de reintegração de posse, obtido das mãos de um oficial de Justiça que lá estivera, pedindo para que eles assinassem o documento e não mostrassem para ninguém para evitar inveja. Assim foi feito.

Para reverter o caso, Cardozo valeu-se de todos os recursos processuais, mas, mesmo assim, a defesa estava difícil. O julgamento estava prestes a acontecer e os moradores diziam que iriam quebrar o Tribunal de Justiça no dia da audiência. E lá foram eles, mas, surpreendentemente, todos mantiveram-se em silêncio. Ao final do julgamento, saíram calados, com o peso da derrota nas costas. “Eu parei na saída do prédio e ouvi deles que Deus quis assim. Perguntei o que fez que eles ficassem tão tranqüilos, e um respondeu-me: ‘Ah, doutor, nós vimos que é sério!’”

Por meio dos seus rituais, das vestimentas e da complexa linguagem jurídica, o poder do Direito, mais uma vez, impôs-se como algo que se explica acima dos valores humanos.

Sacerdotal. Essa é a palavra que define o poder jurídico. ■

O *Direito como Instrumento de Poder* foi o tema da palestra proferida por José Eduardo Martins Cardozo, advogado, deputado federal e professor de Direito Administrativo e de Filosofia do Direito, no Teatro UNIP Paraíso.

O palestrante iniciou sua exposição observando que em poucos momentos da vida de um profissional do Direito pára-se para refletir sobre os dogmas do universo jurídico e sobre o que está por trás da lei ou, em outras palavras, sobre a Filosofia do Direito. A reflexão, infelizmente, perde para o caráter utilitário dos assuntos, pois pouco vale filosofar sobre os princípios jurídicos preestabelecidos se, supostamente, eles não levam um profissional da área a ser aprovado no exame da OAB ou do Ministério Público ou a atingir o *staff* da magistratura. De acordo com essa visão, mais condizente parece ser pensar na lei e nas suas interpretações sem raciocinar sobre a verdadeira função do Direito que, em tese, é a busca pela Justiça.

Mas o que é a Justiça? De acordo com Cardozo, *a priori*, é dar a cada um

Educação contra a Violência

Invisibilidade, desencanto e autodestruição são trilhas de um caminho que leva à violência. Gilberto Dimenstein, jornalista e escritor renomado que, há pelo menos duas décadas, pesquisa e escreve sobre esse grande mal que assola as sociedades em todo o mundo, abordou a temática *Educação contra a Violência* em palestra para mais de 700 alunos no Teatro UNIP Paraíso.

Iniciou a conferência denunciando que no Brasil há mais de um milhão de jovens, de 15 a 24 anos, sem estudo, sem trabalho e sem nenhuma perspectiva de vida e, por isso mesmo, fortes candidatos a compor as estatísticas de criminalidade. E por que não têm perspectivas? Por que não sonham? Porque sofrem de um mal chamado Violência da Invisibilidade, que, segundo o articulista, faz que a pessoa não seja percebida por ninguém, em lugar algum. Faz que não se sinta integrante de nenhum grupo social; torna-o invisível à família, à escola e à comunidade. Em meio a essa lacuna, o óbvio: a marginalidade ganha força porque proporciona a esse indivíduo um grupo com o qual se identifica, tornando-o visível e respeitado.

Um bom exemplo do que afirma Dimenstein veio de uma experiência pessoal em São Paulo, há 10 anos, ocasião em que coletava depoimentos de meninas moradoras de rua. Nas entrevistas, a questão central era o motivo pelo qual utilizavam drogas, e a resposta era: “Você tem algo melhor para nos oferecer?” Outro episódio que confirma essa invisibilidade na qual estão os envolvidos no crime aconteceu com o jornalista em Nova York, megalópole que tem testemunhado a redução de seus índices de criminalidade graças à melhoria do aparato policial e à inclusão da população socialmente menos

favorecida. Assim foi quando um senhor chinês, morador do Harlem, ofereceu, em escolas públicas, aulas de caratê gratuitamente para chefes de gangues.

A proposta parecia absurda e, até pela constituição física e idade do professor, foi desacreditada. Mas os alunos aceitaram o desafio de quem conseguisse derrubá-lo levaria 100 dólares de prêmio. Para espanto geral, todos os jovens foram ao chão. O mestre passou a ensinar a arte marcial e aproveitou para tratar de violência, coragem, hombridade, espiritualidade e sobre como transformar a força de cada um em sua aliada. O sucesso da iniciativa levou os alunos a serem contratados pela prefeitura para um projeto chamado Fazedores de Paz, cujo objetivo era apertar brigas nas escolas.

Outro exemplo veio do relato de uma viagem do jornalista à Índia, país que apresenta um dos menores PIB *per capita*, o mais baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), a mais baixa taxa de alfabetização de adultos, a mais alta taxa de mortalidade infantil e um baixo índice de homicídios. Sua vasta experiência em lidar com questões sociais contribuiu para as pesquisas que começou a fazer sobre aquele país e que o levariam a concluir que o nível de pobreza não está diretamente associado à criminalidade, mas que esta se liga, efetivamente, a um investimento eficiente em benfeitorias para as classes sociais mais desfavorecidas. Assim, quanto mais uma comunidade vê respeitada a sua família, a escola e a religião, e quanto mais uma pessoa se sente parte de um núcleo social, menos razões tem para se sentir atraída por uma vida no crime.

No Brasil, um fato ocorrido no Rio de Janeiro veio corroborar essa tese. O episódio aconteceu com a instalação de

uma agência do Banerj na Comunidade da Rocinha. A opinião geral era de que a agência poderia ser assaltada. De fato isso aconteceu, porém o delito foi cometido por um grupo de policiais, capturados pelos próprios traficantes.

O Bairro-Escola

O bairro paulistano da Vila Madalena oferece um bom exemplo de que inclusão social resulta da união entre sociedade, família e escola. Nele formou-se o Bairro-Escola, projeto da ONG Escola Aprendiz, dirigida por Gilberto Dimenstein e que busca soluções alternativas para a Educação, a partir da transformação de praças, cinemas, livrarias e ateliês em salas de aula informais.

Em parceria com a comunidade, a experiência atenuou os problemas enfrentados pela população local com o tráfico de drogas. Todos os filhos dos traficantes usufruem a iniciativa, que conta, inclusive, com a colaboração das mães dessas crianças. Dimenstein, idealizador do projeto, certa vez, teve sua casa assaltada; porém, dois dias depois, tudo lhe foi devolvido. “Uma senhora veio devolver o que foi roubado por um garoto. Ela disse-me que ele teria de estudar comigo. Esse menino sofria de hiperatividade e foi tratado com remédios, terapia e reforço escolar e hoje trabalha em uma padaria.”

Para finalizar, o jornalista relatou um acontecimento verídico que confirma o poder da educação e da oportunidade. No século XIX, no interior

da Escócia, um menino estava quase morrendo afogado, mas foi salvo por um garoto mais velho que por ali passava. O menino que quase se afogou era filho de um aristocrata muito rico, o qual ofereceu uma recompensa ao pai do menino que salvou seu filho. O pai prontamente disse que não precisavam de nada e que o menino estar vivo já era uma boa recompensa. O aristocrata propôs, então, custear o estudo do garoto nas melhores escolas da Inglaterra; essa oferta foi aceita.

Aquele menino que quase morreu afogado era Winston Churchill, que veio a ser o mais importante estadista do seu tempo. Muitos anos se passaram e Churchill contraiu uma gravíssima infecção que, na época, não tinha cura. Entretanto, havia um cientista com um novo experimento, porém nunca testado em seres humanos. Churchill arriscou e ficou curado: o novo medicamento era a penicilina, criada pelo escocês Alexander Fleming, o rapaz que o salvara do afogamento na infância. ■



Jornalista Gilberto Dimenstein

UNIP é tricampeã das Olimpíadas Universitárias – JUBs 2007



Atletas da equipe de basquete, vôlei e futsal

A Universidade Paulista conquistou o tricampeonato nas Olimpíadas Universitárias – JUBs 2007, realizadas em Blumenau – Santa Catarina.

As Olimpíadas Universitárias, organizadas pelo Comitê Olímpico Brasileiro, Ministério do Esporte e Confederação Brasileira de Desporto Universitário, com apoio da Prefeitura Municipal de Blumenau, do Governo do Estado de Santa Catarina e da Federação Catarinense de Desporto Universitário (FCDU), tiveram a participação de 3.500 alunos de 419 Instituições de Ensino Superior (IES) de todo o Brasil.

No final do evento, na lotada Vila Germânica, foram premiadas as equipes da Divisão Especial e entregues os Troféus

Eficiência por Estado e para a Instituição de Ensino Superior que mais somaram pontos.

Assim como em 2005 e 2006, São Paulo, com 347 pontos, ficou em primeiro lugar no Troféu Eficiência por Estado, seguido por Rio de Janeiro e Santa Catarina, respectivamente com 263 e 261 pontos.

O Troféu Eficiência para a IES também ficou com os paulistas. A Universidade Paulista sagrou-se tricampeã, com 248 pontos, seguida pela Universidade Maurício de Nassau (PE), com 147 pontos, e pela União Pioneira de Integração Social (Upis/DF), com 135. A pontuação da UNIP corresponde a 71% do que o Estado conquistou.

Os principais destaques da UNIP ficaram para as equipes de natação masculina e feminina, para o judô feminino e para o basquete masculino, que conquistaram a medalha de ouro nas Olimpíadas Universitárias – JUBs 2007.

O judô masculino ficou com a quarta posição; o xadrez feminino, apesar de a enxadrista campeã ser da UNIP, ficou em segundo; o xadrez masculino em 11º; e o atletismo, tanto masculino quanto feminino, ficou na quarta posição. Nas modalidades coletivas, o vôlei masculino e o futsal feminino conquistaram a medalha de prata e o handebol e o futsal masculino terminaram em sexto lugar. ■

Parabéns aos medalhistas dos Jogos Pan-americanos

A UNIP cumprimenta seus alunos e ex-alunos que participaram dos Jogos Pan-americanos do Rio-2007: foram seis medalhas de ouro, seis de prata e três de bronze. Os atletas de ouro foram: Fernando Silva, natação - revezamento; Jardel Pizzinato, handebol; Vinicius Teixeira, futsal; Andréia Suntaque, futebol de campo; Maurren Maggi, atletismo - salto à distância; Nicholas Santos, natação - revezamento.

Foram prata: Renan Koplewski, remo; Fábio Resende, boliche; Natalia Falavigna, *tae kwon do*; Poliana Okimoto, maratona aquática; Kelly da Silva Santos, basquete; Nicholas Santos, natação - 50 m. livre. Os ganhadores do bronze foram: Guilherme Pardo, *badminton*; Fernanda Alvarenga, natação - 100 e 200 m. costas e Mariana Katsuno, natação 100 m. peito. Os técnicos da UNIP que participaram foram Carlos Augusto Negrão, *tae kwon do*, e Alberto Pinto da Silva, natação. ■



Fernando Silva, natação

Lenda do triatlo mundial profere palestra na UNIP

Um dos maiores triatletas de todos os tempos e referência nas provas de longa distância, o norte-americano Mark Allen, em viagem ao Brasil, ministrou palestra na UNIP Indianópolis sobre o tema *Métodos de Treino para um Triatleta e Treino de Força para Triatletas*.

Com tradução simultânea, além da temática, a platéia pôde conferir a trajetória profissional de Allen até os dias atuais, assim como sua participação nas maiores competições mundiais de triatlo – modalidade esportiva que combina natação, ciclismo e corrida.

Na palestra, o triatleta ressaltou a importância de um treino inteligente e dos preparos físico e mental, além de exibir vídeos explicativos sobre o *Ironman* do Havaí.

A competição, chamada de *Ironman Triathlon*, teve início em

1978 e foi idealizada por jovens no verão havaiano. Sua primeira edição contava com apenas 15 participantes, que percorreram mais de 200 quilômetros entre natação, bicicleta e corrida, em pouco mais de 11 horas. Daquela época até hoje, o esporte vem atraindo cada vez mais admiradores e Mark Allen foi um deles.

Mark relatou que seu primeiro contato com o mundo do esporte deu-se com a natação, aos 10 anos, quando surgiu sua paixão pela prática de exercícios. Contudo, por seu porte não ser compatível com o nado – apresentava dificuldades em acompanhar o ritmo de seus adversários –, ele desistiu dessa modalidade esportiva.

Entretanto, em 1982, um amigo lhe apresentou o *Ironman*; Allen se encantou pela competição e decidiu participar da prova, mesmo faltando apenas 6 meses para a disputa.

Nascia, naquele momento, um ícone do triatletismo.

Em sua primeira participação, Mark já demonstrava potencial para, inclusive, dividir a liderança com titãs da área, como a estrela Dave Scott. No entanto, ele não venceu a disputa porque sua bicicleta apresentou problemas, fazendo que abandonasse a prova. “Por ser minha estréia e não ter experiência nenhuma nesse tipo de corrida, hoje sei que dificilmente terminaria a prova, mas naquele momento eu estava entre os melhores e sabia que podia superá-los.”

Após essa atuação, Mark Allen tentou por sete longos anos a tão almejada vitória no *Ironman*, só atingida em 1989, quando venceu o evento pela primeira vez, superando seu arqui-rival Dave Scott em uma disputa extraordinária. “Somente quando aprimorei minha técnica de treino e, principalmente, aprendi a tranquilizar minha mente durante a prova, fui capaz de vencê-lo”, comenta Allen.

Dali em diante, novas vitórias tornaram-no hexacampeão na prova mais difícil e importante do calendário mundial.

Como se não bastasse, também em 1989, na França, o atleta conquistou a vitória no primeiro triatlo olímpico. No entanto, o dinamismo, a disciplina e a persistência de Allen exigiam mais. Tanto mais que ele venceu 10 vezes o Triatlo de Nice, que, nos anos 80 e 90, foi a competição de longa distância mais importante da Europa; e para completar, ao longo dos 15 anos de sua carreira, conquistou uma marca incrível, mantendo-se invicto durante 20 competições, ao longo de três anos consecutivos.

Para atingir tamanho destaque, Mark Allen eficazmente melhorava seu condicionamento físico e estudava métodos de treino que aumentassem seu nível atlético, chegando até mesmo a se refugiar por uma semana com índios mexicanos, para controlar a mente nas provas de *Ironman*.

Allen aposentou-se em 1993, mas dois anos depois ainda disputou e venceu sua última prova no Havaí, aos 37 anos. Sua vitória constituiu-se como um marco duplo na história do campeonato, pois, além de igualar-se ao lendário Dave Scott, com o sexto título na competição, tornou-se o atleta mais velho a vencer o *Ironman*.

Após sua aposentadoria, decretada oficialmente em 1995, Mark treina novos esportistas. Sua concepção é de que um atleta deve ter sua formação esportiva definida desde criança, pois pode condicionar o corpo a obter melhores resultados. Além disso, acredita que, para extrair todo o potencial e ser um vencedor, o atleta tem de manter seu físico em equilíbrio com sua mente. “Para atingir o melhor desempenho em uma prova, não basta apenas que o competidor treine exaustivamente, o que realmente vale é condicionar seu corpo e seu psicológico a manter um nível elevado de desempenho.” ■



Triatleta Mark Allen



Histórias do Rio Negro

Quem navega pelas águas do Rio Negro não esquece jamais. Drauzio Varella, médico, escritor e diretor científico do Programa de Pesquisas com Produtos Naturais da Universidade Paulista (UNIP), não esqueceu e, por isso, traz a público o documentário cinematográfico *Histórias do Rio Negro*.

A gravação da película, em super-16, é resultado das várias expedições do pesquisador à região amazônica, cuja produção iniciou-se, em 2005, em uma de suas viagens utilizando o barco Escola da Natureza, do Grupo Educacional UNIP-Objetivo.

Sob as águas do Rio Negro ou em suas cercanias, Varella coletou depoimentos que retratam quão diferente é a realidade sociocultural do amazônida. O documentário é, na verdade, o testemunho ocular de um mundo à parte, feito de água, terra, mata, fauna, escassez de dinheiro, riqueza de sonhos e muita, muita imaginação. “Encantei-me pelo Rio Negro, por esse verde da floresta e depois pelas pessoas e pelas histórias que ouvi nas comunidades. O Rio Negro

tem a paisagem mais
deslumbrante que já
vi. Se me fosse



concedido o último desejo antes de morrer, seria voltar lá”, diz Varella.

Em *Histórias do Rio Negro*, o espectador não conhecerá personagens, mas sim pessoas reais, como Gerônimo, um pescador que contou que tomava banho de rio quando duas mulheres o chamaram para mergulhar. Ele foi, mas, de repente, no lugar das mulheres apareceu um homem. Já sabendo que aquilo era encanto de um boto, Gerônimo gritou “Valha-me, Nossa Senhora!” e todos sumiram.

Há também relatos de garimpeiros e “piaçabeiros”, que, por

escolha própria ou por força das circunstâncias, sujeitam-se a trabalhar horas e horas a fio para garantir, ao menos, o que comer. Não faltam, ainda, histórias sobre curupiras, sobre o garimpo, a borracha e depoimentos de parteiras, como Dona Elizabel, que nada entendia do ramo até ser avisada em sonho que tinha a missão de trazer pessoas ao mundo. Ilusão ou fato real, Elizabel já fez quase três mil partos.

Esses são alguns dos *causos* contados pelos moradores das margens do Rio Negro, em 86 minutos de fita. Para chegar a tal resultado, Drauzio Varella e uma equipe de 11 integrantes percorreram um trajeto de 1.100 km do rio, de São Gabriel da Cachoeira até Manaus, captando imagens e depoimentos para levar a outras regiões do País a simplicidade genial de um povo nascido e criado em um dos muitos brasis.

O documentário foi patrocinado pela Bayer CropScience e teve apoio da UNIP, do governo do Amazonas e do Exército Brasileiro. A produção é da Academia de Filmes e a distribuição, da Downtown Filmes. ■

Ficha técnica resumida:

Entrevistas: Drauzio Varella

Direção: Luciano Cury

Trilha Sonora Original: César Camargo Mariano

Direção de Fotografia: Cláudio Leone

Consultoria de Produção: Wilson Malavazi

Direção de Produção: Tadeu Piantino

Multi UNIP
UNIVERSIDADE PAULISTA

Editora Sol

diretora

Sandra Miessa

consultoria

Elisabete Brihy

editora

Wilma Ary

multimídia

Marcelo Souza

comunicação institucional

Marcus Vinicius Mathias

Melissa Larrabure

chefia de redação

Wilma Ary

reportagem

Fernanda Milani

Roberta Abraão

Wilma Ary

Fábio Carvalho – estagiário

Juliana Tarifa – estagiária

revisão

Cristina Ayumi Futida

Heloisa Helena Martins

diagramação

Fernanda Milani

arte e capa

Alexandre Ponzetto

Douglas de Moraes

fotolito

Homart